

EQUÍVOCOS E ENGANOS PRESENTES NAS CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Rosilene Pinheiro Luna Machado, FEESU/FUPAC, rosiplm17@gmail.com
Bill Robson Monteiro Lisboa, FEESU/FUPAC, billrobsonmg@hotmail.com

A obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nos currículos de Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. É preciso valorizar devidamente a história e a cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem nos cinco séculos, fortificando sua identidade e discutindo seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena, não se restringe aos negros e índios; ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação mais justa, igualitária e democrática. (Josélia Inês Zanin Pedroso).

Resumo Expandido

A sociedade brasileira é marcada por um longo período de dores e muito sofrimento, pois quando os portugueses chegaram ao Brasil perceberam que naquelas terras já vivam um grupo de pessoas e, que os mesmos eram diferentes deles, tanto as semelhanças culturais, como biológicas, com isto os povos nativos foram considerados primitivos e selvagens pelos europeus. Os colonos considerando-se superiores impuseram sua cultura para aquele povo, que reagiram de formas diversas a presença dos invasores, porém tal esforço não foi suficiente, havendo assim o começo do processo de escravidão no Brasil.

Como o povo nativo não era suficiente para atender as demandas de trabalhos existentes naquelas terras, começaram a comprar e importar os negros do continente africano, estes considerados indignos e inferiores simplesmente pelo fato da cor da pele não ser branca, apesar das várias conquistas com relação a direitos que este grupo étnico-racial adquiriu, o racismo ainda é muito presente em nossa sociedade, tornando-o uma temática tabu para grande maioria dos espaços sociais, principalmente nas escolas.

A lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da Cultura Afro-Brasileira no currículo da Educação Básica nos níveis de ensino fundamental e médio, tem como objetivo romper paradigmas acerca das questões étnico-raciais. Esta lei estabelece uma educação em que as novas práticas pedagógicas desfaçam alguns enganos e compreensões distorcidas.

Cardoso (2016) cita alguns desses enganos “o professor ter medo de se reportar ao seu aluno como negro”, “as crianças negras aprendem menos”, “as discussões raciais devem ser somente entre pessoas negras”, “crianças não são racistas, pois tem alma pura”, este é um dos equívocos mais absurdos, porque trata a criança como tabula rasa a ser preenchida, passiva, reprodutora de comportamentos, entretanto, de acordo com visão sociológica da infância a criança é produtora de cultura e ativa no contexto social,

A discussão sobre as diferenças étnico-raciais deve ser trabalhada em todos os ambientes e com todas as pessoas, não somente com indivíduos negros, as instituições de

ensino, tanto de educação básica como superior devem inserir em seu currículo, práticas que promovam o pensamento reflexivo e crítico, acerca dessa problemática.

Na Educação Infantil, trabalhos contínuos com projetos e práticas pedagógicas para apresentar a Cultura Afro-brasileira aos pequeninos, de modo a não reproduzir estereótipos e preconceitos devem ser realizados continuamente, esse processo é fundamental para combater o racismo, desmistificar os enganos e equívocos e construir novas pedagogias. A autora menciona alguns desses enganos dos/as docentes, que problematizaremos aqui no texto.

“As crianças negras aprendem menos”. Isso não é verdade, o que ocorre é quando se refere às crianças negras, na maioria das vezes, as práticas pedagógicas estão impregnadas por uma visão retrógrada e racista de que o negro é “burro”, nunca vai conseguir um bom status social. Isso leva a crer que a população negra sempre foi e sempre será inferior e submissa às crianças brancas. Existe a crença de que todas as crianças ao adentrarem a escola desfrutam das mesmas oportunidades educacionais, o que não se configura como verdade, um exemplo disso é que o fracasso escolar atinge em grande parte as crianças negras dos anos iniciais por fatores variados como vulnerabilidade social, aspectos socioeconômicos, etc.

“Os professores das áreas de exatas e biológicas não precisam seguir disposto na Lei 10.639”. Para a construção de uma escola plural, o reconhecimento e a valorização da diversidade étnica e racial dos/as alunos/as negros/as, deve ser trabalhado e ressaltado em todos os componentes curriculares, como a cultura constituinte e formadora da sociedade brasileira, não apenas atribuída ao ensino de História. Esta abordagem reforça a importância dos/as negros/as e dos/as indígenas como sujeitos históricos.

“As discussões sobre a questão racial devem ser feitas exclusivamente por docentes negros”. Como já visto anteriormente, existe uma desigualdade racial gritante, com isso, os/as negros/as, na maior parte das vezes não tem a oportunidade de chegarem à universidade, em virtude disso o número de docentes retintos é muito baixo, então afirmar que somente os/as professores/as negros/as deviam abordar as questões raciais, isso implica na ideia distorcida e preconceituosa de se eximir da culpa e dívida histórica que a população branca tem para com eles/as.

“Não é preciso trabalhar a temática se não houver crianças negras na sala de aula”. É importante trabalhar essa temática principalmente com crianças brancas para que as mesmas possam entender os malefícios que o preconceito pode trazer para a vida dessas pessoas, e o quanto é importante combatê-lo, essas discussões e reflexões torna-os/as cidadãos/ãs mais esclarecidos/as, humanos, tolerantes, enfim, livres de preconceitos e preocupados com a inclusão social.

“O preconceito vem de casa”. Por ser uma temática ainda tabu, o preconceito racial surge pela falta de diálogo e instruções principalmente no âmbito familiar, esta falta de esclarecimento em casa acaba deixando as crianças e jovens a mercê dos meios de comunicações em massa, como as mídias, as redes sociais, etc. Estas seguem e “vendem” um padrão pré-estabelecido pela sociedade como o “certo”, o “bonito”. Estes canais são rápidos e tem forte influência sobre o público infanto-juvenil e as informações negativas contidas neles se alastram como rastilho de pólvora e se impregnam na mente das pessoas obtendo assim uma repercussão de longo alcance, deste modo o preconceito é uma construção cultural que perpassa e é alimentado nos mais diferentes espaços sociais, como nas famílias, nas igrejas, nas escolas, etc.

“Não existe racismo na educação infantil, pois as crianças não são racistas”. Para explicar esse equívoco, nada melhor que a frase de Nelson Mandela “ninguém nasce racista”, realmente não nascemos odiando outra pessoa pela cor de sua pele, sua origem, religião ou sexualidade, isto é uma construção social e cultural e as crianças são produtoras de cultura, possuem conhecimentos, vivências, hábitos, valores que são ensinados pela família, pela escola, pelo mundo que as cercam.

Desde muito cedo, estes indivíduos já tem a capacidade de enxergar as diferenças, tanto dos objetos, quanto das pessoas. Estas particularidades identificadas pelas crianças devem ser trabalhadas pela família e pela escola de modo que sejam vistas como algo bom e não como “aberração”.

Quando isso não acontece, os pequenos buscam referências na sociedade, que por sua vez já foi corrompida pelos inúmeros estereótipos e os mesmo acabam reproduzindo uma imagem negativa, através dessas imagens negativas as crianças passam a acreditar em tais pré-conceitos etnocêntricos e eurocêntricos, sendo assim toda sua “pureza” corrompida tornando-se racistas.

Portanto, compreendemos a urgente e emergente necessidade de nos unirmos para superar o enorme abismo racial ainda existente, para isso é preciso apostar em políticas de ações afirmativas de forma consistente, considerar que é necessário desconstruir todos esses equívocos e enganos citados no texto, através de cursos de formação inicial e continuada, todas as pessoas envolvidas no processo de formação, sejam adultos/as ou crianças e jovens, poderão ampliar suas possibilidades de reflexão, serem mais sensíveis e humanizados com a dor do outro/a, tais posturas levam a construção de uma educação de qualidade, que só se dá sem racismo e discriminação

Palavras-Chave: Cultura Afro-Brasileira; Estereótipos Raciais; Culturas Marginalizadas.

Referência:

CARDOSO, Ivanilda Amado, (et.al). Concepções docentes sobre relações étnico-raciais. **Presença Pedagógica**. v. 22. n.127, jan./fev. 2016.